



Especial Café **Retrato da Economia**

Elaborado por: André Spalenza e Eduarda Gripp.

ESPÍRITO SANTO, MAIOR PRODUTOR DE CAFÉ CONILON DO BRASIL

INDICADORES 2024 - 2025



INDICADORES DE PRODUÇÃO, EMPREGO E ÁREA CULTIVADA . 2024 - 2025



Participação do ES na produção
nacional de café conilon em 2025

65,4%

Líder em produção de café conilon
entre os estados brasileiros



Área cultivada no ES

**286,7 mil hectares
cultivados com conilon**

Corresponde 69,1% do total nacional



Famílias envolvidas
na cadeia produtiva
do café

131 mil

Em todos os municípios do ES
exceto Vitória . 2024



Propriedades produtoras

60 mil

Equivalente a 2/3 das
propriedades agrícolas . 2024



Empregos gerados

8.065

No cultivo do café
abr - mai 2025



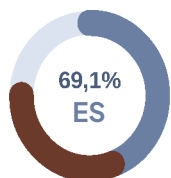
+29,4%

emprego 2025 vs. 2024

Crescimento no emprego no cultivo · abril-maio

2024 (base)

2025 +29,4%



286,7 mil

Hectares de café conilon no Espírito Santo, correspondendo a 69,1% da área nacional
cultivada (2025)

■ Espírito Santo · 69,1% ■ Demais estados · 30,9%

Fontes: Incaper · IBGE · Ministério do Trabalho e Emprego | Dados de 2024-2025

O ESPÍRITO SANTO É LÍDER NACIONAL NA PRODUÇÃO DE CAFÉ CONILON, MAS QUAL É O PESO ECONÔMICO DESSA ATIVIDADE PARA ALÉM DA PORTEIRA?

Mais do que um produto presente nas primeiras horas do dia e nas pausas que pontuam a rotina, o café configura-se como um dos principais ativos econômicos do Espírito Santo. Sua relevância ultrapassa a produção agrícola e se manifesta na geração de renda, no emprego, na ocupação do território e na dinâmica de diferentes atividades econômicas ao longo de sua cadeia produtiva.

A cafeicultura capixaba reúne tradição histórica, relevância econômica e forte capacidade de geração de renda no território estadual. O Espírito Santo é o segundo maior produtor de café do Brasil, responsável por 26% da produção nacional, com destaque para o café conilon, variedade na qual lidera nacionalmente, respondendo por 65,4% da produção brasileira.

A atividade se distribui por praticamente todo o estado, alcançando todos os municípios capixabas, com exceção de Vitória. Segundo estimativas de 2024 do Incaper, o café está presente em aproximadamente 60 mil das 90 mil propriedades agrícolas existentes no Espírito Santo, envolvendo cerca de 131 mil famílias produtoras. A estrutura produtiva é marcada pela forte presença da agricultura familiar: aproximadamente 73% dos produtores pertencem a esse segmento, em propriedades com tamanho médio de 8 hectares.

Entre as commodities agrícolas, o café se destaca pela escala produtiva, ampla inserção no mercado internacional e elevada capilaridade territorial, atributos que ampliam seus efeitos sobre as economias locais. Nos últimos anos, o desempenho do setor, marcado por elevados níveis de faturamento e valorização do produto, reforça a importância de acompanhar com maior profundidade os movimentos da cadeia produtiva e seus efeitos sobre o desenvolvimento econômico estadual.

Sob a ótica econômica, o café deve ser compreendido para além da produção no campo. Trata-se de uma cadeia de valor integrada, que articula atividades agrícolas, beneficiamento, armazenagem, transporte, industrialização, comercialização e exportação. Essa estrutura amplia significativamente o efeito multiplicador da cafeicultura ao mobilizar um conjunto diverso de agentes, serviços e segmentos produtivos, tornando seus impactos econômicos muito mais amplos do que os dados estritamente agrícolas conseguem capturar.

CADEIA DE VALOR DO CAFÉ



Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Entretanto, compreender a dinâmica da cafeicultura exige avançar para além da representação dos elos produtivos e observar como essas conexões se materializam na prática. É justamente na interação entre produção, indústria, comércio e serviços que se revelam os mecanismos que sustentam a competitividade, a geração de renda e a capacidade de expansão do setor.

Nesse sentido, incorporar a visão de agentes diretamente envolvidos na atividade contribui para ampliar a compreensão sobre os impactos econômicos da cafeicultura, evidenciando como seus efeitos se disseminam ao longo do território e entre diferentes segmentos produtivos.



A partir dessa perspectiva, a contribuição de **Marcus Magalhães, Presidente do Sindicato dos Corretores de Café do ES**,

reforça o caráter integrado da cadeia e evidencia o papel estratégico do café como uma atividade capaz de conectar setores, gerar valor e impulsionar a economia capixaba.

Confira:

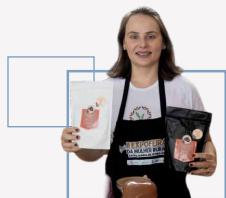
“A cadeia de valor do café é uma das mais completas e integradas da economia, justamente porque atravessa diferentes setores de forma simultânea. Trata-se de uma atividade que começa no campo, com a produção agrícola, avança pela indústria, no beneficiamento e transformação, passa pelo comércio e se desdobra de maneira muito expressiva no setor de serviços, chegando ao consumidor final em experiências cada vez mais sofisticadas, como as cafeterias e o trabalho dos baristas.

Essa característica faz com que o café esteja presente em praticamente todos os elos produtivos, conectando diferentes segmentos e instituições ao longo do processo. Mais do que um produto, o café funciona como um verdadeiro multiplicador econômico. Ao longo da cadeia, o valor inicial da matéria-prima é sucessivamente ampliado, à medida que passa por etapas como processamento, logística, comercialização e preparo final.

Um exemplo simples ajuda a ilustrar essa dinâmica: ao observar o preço de uma xícara de café, especialmente em locais como aeroportos, percebe-se um valor muito superior ao preço do café em sua origem. Essa diferença não é apenas margem, mas o reflexo de uma cadeia longa, fragmentada e intensiva em serviços, na qual o produto vai sendo transformado e agregando valor em cada etapa.

Nesse sentido, o café se destaca por sua capacidade de gerar empregos e renda ao longo de toda a cadeia, desde o setor primário até os segmentos industriais e de serviços. Trata-se, portanto, de uma atividade que não apenas movimenta a economia, mas também distribui renda e oportunidades, reforçando seu papel estratégico no desenvolvimento econômico.”

Se a dimensão econômica da cafeicultura se expressa na articulação entre diferentes setores produtivos, seus efeitos tornam-se ainda mais evidentes quando observados a partir das experiências de produtores e empreendedores que atuam diretamente nos diversos elos dessa cadeia. Mais do que produzir grãos, parte crescente do setor tem incorporado estratégias de agregação de valor, beneficiamento, construção de marcas, turismo rural e experiências ligadas ao consumo do café, ampliando oportunidades de renda e diversificação econômica no meio rural.



Essa dinâmica pode ser observada na trajetória de **Ana Paula Zanotti, proprietária de uma torrefação de cafés especiais localizada em Alto Tabocas, em**

Santa Teresa. Integrante da quarta geração de uma família ligada à cafeicultura, Ana Paula representa um movimento crescente de verticalização da produção, no qual o café deixa de ser comercializado apenas como

matéria-prima e passa a incorporar etapas de beneficiamento, identidade territorial e experiência de consumo. Sua atuação evidencia como a cafeicultura contemporânea extrapola a produção agrícola e se conecta a atividades como turismo, serviços, comércio e economia da experiência, ampliando os efeitos econômicos da cadeia sobre os territórios onde está inserida.

Confira:

“Sou Ana Paula Zanotti, proprietária de uma torrefação de cafés especiais localizada em Alto Tabocas, em Santa Teresa. Minha família está na terceira geração da produção cafeeira e hoje faço parte da quarta geração ligada ao café. Minha formação é na área da saúde, sou enfermeira intensivista, e costumo dizer que fui formada por cada grão de café colhido pela minha família. Foi justamente esse sentimento de gratidão que me trouxe de volta ao café, buscando agregar valor ao trabalho construído ao longo de gerações.

Meu pai produz cafés especiais há mais de duas décadas e sempre comercializou o produto em sacas. Eu entrei como um segundo elo dessa cadeia, estruturando a torrefação para fazer o beneficiamento, criar marca própria e aproximar o consumidor da experiência do café especial.



Hoje, meu pai continua sendo meu principal fornecedor de matéria-prima, mas também trabalho com cafés de outras regiões para mostrar aos visitantes a diversidade de perfis sensoriais existentes no Espírito Santo.

O foco do negócio não está apenas na venda do produto, mas na experiência. Durante as visitas, o cliente acompanha todas as etapas da torra, observa a transformação dos grãos, sente os aromas e entende o processo. O café se transforma em memória, em experiência e em conexão com o território. A venda acaba sendo consequência dessa vivência.

Grande parte dos clientes são turistas, vindos de diferentes regiões do Espírito Santo e de outros estados. Esse movimento mostra como o turismo tem potencial para fortalecer a cafeicultura e gerar novas oportunidades no meio rural. No circuito onde estamos inseridos, já é possível perceber impactos locais, como melhorias em infraestrutura, maior circulação de visitantes e fortalecimento dos roteiros turísticos.

Empreender nesse segmento, porém, também significa enfrentar desafios constantes. É preciso buscar informação, criar parcerias, lidar com custos, impostos e construir diferenciais em um mercado competitivo. Hoje, acredito que o grande diferencial está justamente na experiência oferecida.

Café existe em muitos lugares, mas criar conexão entre produto, território e consumidor é o que gera valor.”

A trajetória de Ana Paula Zanotti materializa, na prática, a transformação observada em parte da cafeicultura contemporânea: o deslocamento de uma lógica centrada exclusivamente na produção agrícola para modelos que incorporam diferenciação, agregação de valor e integração com outras atividades econômicas.

Ao incorporar etapas de beneficiamento, torrefação, construção de marca, turismo de experiência e relacionamento direto com o consumidor, iniciativas como essa ampliam o valor agregado do produto e fortalecem os efeitos multiplicadores da atividade sobre os territórios.

Mais do que gerar renda no campo, a cafeicultura passa a estimular fluxos econômicos complementares, mobilizando serviços, fortalecendo o comércio local, impulsionando o turismo e criando novas oportunidades de empreendedorismo. Sob essa perspectiva, compreender a cadeia do café significa reconhecer sua capacidade de articular diferentes segmentos econômicos e ampliar sua contribuição para o desenvolvimento regional.

A ENGRENAGEM DA CAFEICULTURA NO BRASIL

DIVERSIDADE PRODUTIVA E COMPLEMENTARIDADE

A cafeicultura brasileira é caracterizada por uma diversidade regional, resultado da combinação de diferentes condições edafoclimáticas, níveis tecnológicos e perfis de produtores distribuídos pelo território nacional. A produção está fundamentada, sobretudo, em duas espécies: *Coffea arabica* e *Coffea canephora* (robusta/conilon), cuja complementaridade é um dos principais fatores que sustentam a competitividade do setor no Brasil.

O café arábica, cultivado predominantemente em regiões de maior altitude e clima mais ameno, é mais sensível a variações climáticas e apresenta forte influência do ciclo de bienalidade. Em contrapartida, destaca-se pelo perfil sensorial mais sofisticado, com maior acidez, aroma e complexidade, sendo direcionado principalmente a mercados de maior valor agregado, como cafés especiais e certificados.

Já o café conilon caracteriza-se por maior rusticidade, adaptação a climas quentes e menor altitude, além de apresentar produtividade significativamente superior e maior regularidade ao longo dos ciclos produtivos.

Essas características o tornam essencial para a estabilidade da oferta nacional e para o atendimento de mercados de maior escala, como blends, café solúvel e consumo de massa.

Para aprofundar a análise neste relatório vamos distinguir os principais tipos de café que estruturam a cafeicultura brasileira. As características produtivas, agrônomicas e econômicas do café arábica e do café conilon influenciam diretamente a organização territorial da atividade, sua dinâmica de oferta e sua inserção nos mercados.

A seguir, são apresentadas as especificidades dessas duas espécies, que fundamentam a análise desenvolvida ao longo do relatório.



TIPOS DE CAFÉ E CARACTERÍSTICAS PRODUTIVAS



Aspecto	Café Arábica (<i>Coffea arabica</i>)	Café Conilon/Robusta (<i>Coffea canephora</i>)
 Condições de cultivo	Regiões de maior altitude e clima mais ameno	Regiões de menor altitude e clima mais quente
 Sensibilidade climática	Maior sensibilidade a variações climáticas	Maior resistência a temperaturas elevadas
 Comportamento produtivo	Forte influência da bionalidade, com alternância de safras	Maior regularidade produtiva ao longo dos ciclos
 Produtividade média	Inferior à do conilon	Significativamente superior à do arábica
 Perfil sensorial	Sabor mais suave e aroma complexo	Sabor mais intenso e encorpado
 Inserção de mercado	Segmentos de maior valor agregado, cafés especiais e diferenciados	Produção em maior escala e uso industrial
 Exigência de manejo	Maior exigência técnica e de rastreabilidade	Manejo mais adaptado a sistemas produtivos intensivos
 Distribuição regional	Predominância nas regiões Sudeste e Sul (MG e SP)	Predominância em regiões mais quentes (ES, RO e BA)
 Perfil dos produtores	Diversificado, com maior presença em áreas montanhosas	Forte presença de pequenos e médios produtores
 Papel estratégico	Diferenciação e agregação de valor	Estabilidade da oferta nacional
 Destaque no Espírito Santo	Produção em regiões montanhosas, com foco em qualidade	Liderança nacional na produção



Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.



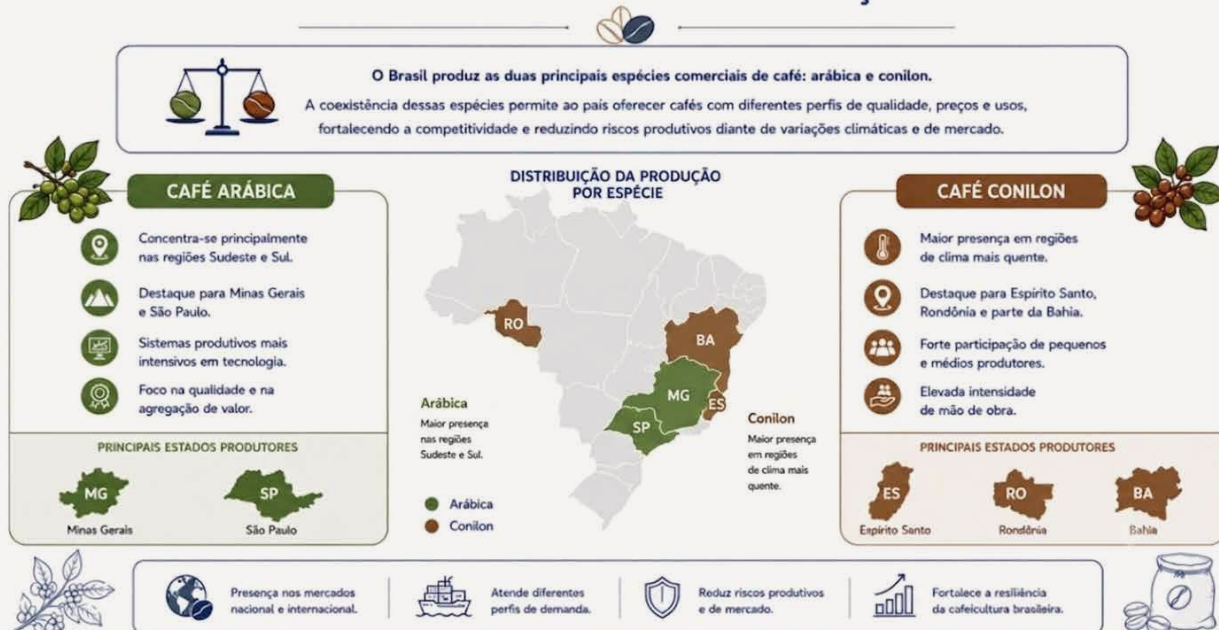
A coexistência dessas duas espécies é um dos fatores que confere ao Brasil uma posição relevante no mercado internacional, ao permitir a oferta simultânea de produtos com distintos perfis de qualidade, preços e usos industriais. Essa complementaridade contribui para a competitividade do país, ao mesmo tempo em que reduz riscos produtivos e fortalece a resiliência da cafeicultura frente a oscilações climáticas e de mercado. A dinâmica regional da cafeicultura no Brasil reflete a diversidade de condições naturais e estruturas produtivas.

A produção de café arábica concentra-se majoritariamente nas regiões Sudeste e Sul, com destaque para Minas Gerais e São Paulo, onde predominam sistemas mais intensivos em tecnologia e voltados à qualidade e à agregação de valor. Por outro lado, o café conilon apresenta maior presença em regiões de clima mais quente, como o Espírito Santo, Rondônia e partes da Bahia, sendo

frequentemente associado a sistemas produtivos com forte participação de pequenos e médios produtores e elevada intensidade de mão de obra.



CAFÉ NO BRASIL: ESPÉCIES E DISTRIBUIÇÃO REGIONAL



O CAFÉ COMO ATIVIDADE ECONÔMICA ESTRATÉGICA

Historicamente, o café ocupa um lugar fundamental na economia brasileira, com trajetória profundamente associada à formação do país. Introduzido no Brasil no século XVIII, o cultivo do café ganhou escala ao longo do século XIX, contribuindo para a ocupação do território, a expansão da infraestrutura produtiva e a consolidação da inserção brasileira no comércio internacional. Ao longo desse processo, a cafeicultura influenciou padrões produtivos, relações de trabalho e fluxos de renda em diversas regiões.

Com o avanço tecnológico e a diversificação regional, o café consolidou-se como um sistema produtivo amplo e interdependente. Atualmente, mantém posição de destaque na economia brasileira por seu expressivo peso produtivo, comercial e territorial, arti-

culando produção agrícola, indústria, logística e comércio exterior, com elevada capacidade de geração de renda, emprego e dinamização das economias regionais. No cenário internacional, o Brasil mantém-se como o maior produtor e exportador de café do mundo.

Na safra global 2024/2025, a produção mundial foi estimada em aproximadamente 174,9 milhões de sacas de 60 kg, evidenciando a relevância do mercado cafeeiro em escala internacional. Nesse contexto, o Brasil responde por cerca de 30% a 31% da produção global, consolidando ampla liderança no ranking mundial.

PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES DE CAFÉ - MUNDO

SAFRA 2025

RANKING	PAÍS	PRODUÇÃO (milhões de sacas)	DESTAQUE (TIPO)
1º	 BRASIL	 56,5	 Arábica e conilon
2º	 VIETNÃ	 ~30	 Predominância de robusta
3º	 COLÔMBIA	 ~12	 Arábica
4º	 INDONÉSIA	 ~10	 Robusta
5º	 ETIÓPIA	 ~8	 Arábica



Fonte:
Conab - 4º Levantamento da Safra de Café 2025;
Organização Internacional do Café (ICO).



Elaboração:
Equipe Connect Fecomércio-ES.

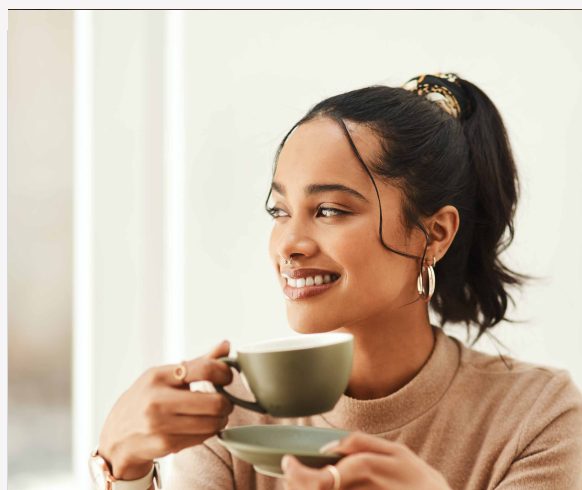
Na sequência, destacam-se o Vietnã, segundo maior produtor, com cerca de 29,1 milhões de sacas e participação próxima de 16,5% da produção mundial, e terceiro, a Colômbia, com aproximadamente 12,4 milhões de sacas, representando cerca de 7% do total global. Em conjunto, esses três países concentram mais da metade da produção mundial de café, reforçando a elevada concentração geográfica da oferta internacional.

Na safra de 2025, com a conclusão da colheita, a produção nacional foi estimada em 56,5 milhões de sacas de café beneficiadas, segundo o 4º Levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento. Esse volume representa crescimento de 4,3% em relação à safra de 2024 e avanço de 2,5% frente a 2023.

Na safra de 2024, a produção brasileira foi estimada em aproximadamente 54,2 milhões de sacas, refletindo retração em relação ao ciclo anterior, em um contexto de bienalidade negativa do café arábica, que impactou a produtividade média das lavouras.

Ainda assim, o desempenho foi parcialmente sustentado pelo café conilon, cuja produção apresentou maior estabilidade, especialmente em função de ganhos de produtividade e da maior resiliência às condições climáticas adversas.

Já em 2023, a produção nacional alcançou cerca de 55,3 milhões de sacas, configurando um ano de bienalidade positiva, com maior potencial produtivo das lavouras de arábica. Esse resultado foi influenciado por melhores condições climáticas durante fases críticas do ciclo produtivo, além da consolidação de áreas renovadas e do uso mais intensivo de tecnologias no manejo.



Esse desempenho reflete a robustez da estrutura produtiva brasileira, sustentada por fatores como escala, diversidade de espécies (arábica e conilon), eficiência comercial e avanços logísticos, ainda que persistam gargalos na infraestrutura.

A produção mundial de café permanece concentrada em países tropicais, com destaque para o Brasil, que lidera com ampla vantagem. Em comparação ao Vietnã, segundo maior produtor global, cuja produção foi estimada em cerca de 30 milhões de sacas, o Brasil apresentou volume aproximadamente 88% superior, evidenciando sua posição dominante. Na sequência, destacam-se Colômbia, Indonésia e Etiópia, o que reforça a capacidade brasileira de influenciar a oferta global e sustentar sua relevância no comércio internacional.

No que se refere ao desempenho por espécie, a safra de 2025 foi marcada por comportamentos distintos. O café arábica apresentou retração, influenciado pela bienalidade negativa e por adversidades climáticas. Em contrapartida, o café conilon registrou crescimento expressivo, impulsionado por maior regularidade produtiva e condições climáticas favoráveis, contribuindo para o avanço da produtividade média nacional e para o equilíbrio da oferta.

A produção mundial de café é fortemente concentrada em países tropicais, com destaque para o Brasil, que lidera com ampla vantagem. Essa posição reforça a capacidade do país de influenciar a oferta global e sustentar sua relevância no comércio internacional.

PRODUÇÃO MUNDIAL DO CAFÉ



Do ponto de vista estrutural, os dados mostram uma oscilação típica da produção cafeeira brasileira, associada à bienalidade, mas também indicam tendência de sustentação do patamar produtivo em níveis elevados. A relativa estabilidade observada entre 2023 e 2025, mesmo com a alternância de ciclos,

reflete ganhos de eficiência produtiva, ampliação de áreas tecnificadas e maior capacidade de adaptação às variáveis climáticas, reforçando a competitividade do Brasil no mercado internacional de café.

PRODUÇÃO DE SACAS – BRASIL



Fonte: Conab – 4º Levantamento da Safra de Café 2025, 2024 e 2023.

Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

A decomposição da produção na safra de 2025, apresentada no infográfico a seguir, mostra a predominância do café arábica na estrutura produtiva nacional. Do total de 56,5 milhões de sacas, aproximadamente 35,7 milhões correspondem ao arábica, enquanto o café conilon responde por cerca de 20,8 milhões de sacas, conforme dados do 4º Levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento.

Essa distribuição reafirma o peso do arábica na composição da oferta brasileira, ao mesmo tempo em que destaca a relevância crescente do conilon, especialmente pela sua maior estabilidade produtiva e menor sensibilidade à bienalidade.

DECOMPOSIÇÃO DA PRODUÇÃO – SAFRA 2025



Esse resultado reflete uma combinação de fatores que afetaram de maneira desigual as principais espécies cultivadas no país, resultando em queda na produção de arábica e avanço significativo do conilon. A produção de café arábica foi estimada em 35,76 milhões de sacas, com retração de 9,7% em relação à safra anterior, influenciada pela bialidade negativa, pela redução da área em produção e por adversidades climáticas, como a escassez hídrica. Em contraste, o café conilon alcançou 20,8 milhões de sacas, com crescimento expressivo de 42,1%, impulsionado pela maior regularidade climática e pelo vigor das lavouras.

A produtividade média nacional foi estimada em 30,4 sacas por hectare, aumento de 5,5% em relação a 2024. Enquanto o arábica apresentou produtividade média de 24,1 sacas por hectare, com queda de 8,4%, o conilon atingiu 55,9 sacas por hectare, crescimento de 42,3%, reforçando sua importância no equilíbrio da oferta nacional.

A área total plantada com café no Brasil totalizou 2,26 milhões de hectares na safra de 2025, crescimento de 0,9% em relação ao ano anterior. Desse total, 82,3% estavam em produção e 17,7% em formação, evidenciando a continuidade dos investimentos na renovação e expansão dos cafezais.

Nesse contexto, o Espírito Santo ocupa posição de destaque. O estado possui a segunda maior área cultivada com café do país, somando 424,8 mil hectares, dos quais 286,7 mil hectares correspondem ao conilon e 138,1 mil hectares ao arábica. O Espírito Santo lidera nacionalmente o cultivo de conilon, concentrando 69,1% da área brasileira destinada a essa espécie, posição que confere elevada capacidade de geração de renda, interiorização do desenvolvimento e sustentação de economias locais fortemente vinculadas à cafeicultura.

PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES DE CAFÉ - BRASIL

SAFRA 2025

RANKING	ESTADO	ÁREA TOTAL (mil hectares)	DESTAQUE PRODUTIVO
1º	MINAS GERAIS	aprox. 1.400	Predominância absoluta de arábica (99% da área)
2º	ESPÍRITO SANTO	aprox. 425	Predominância em conilon
3º	SÃO PAULO	aprox. 200	Arábica
4º	BAHIA	aprox. entre 190-200	Produção mista (arábica + conilon)
5º	RONDÔNIA	aprox. 50	Conilon



Fonte:
Conab - 4º Levantamento da Safra de Café 2025.
Organização Internacional do Café (OIC).



Elaboração:
Equipe Connect Fecomércio-ES.



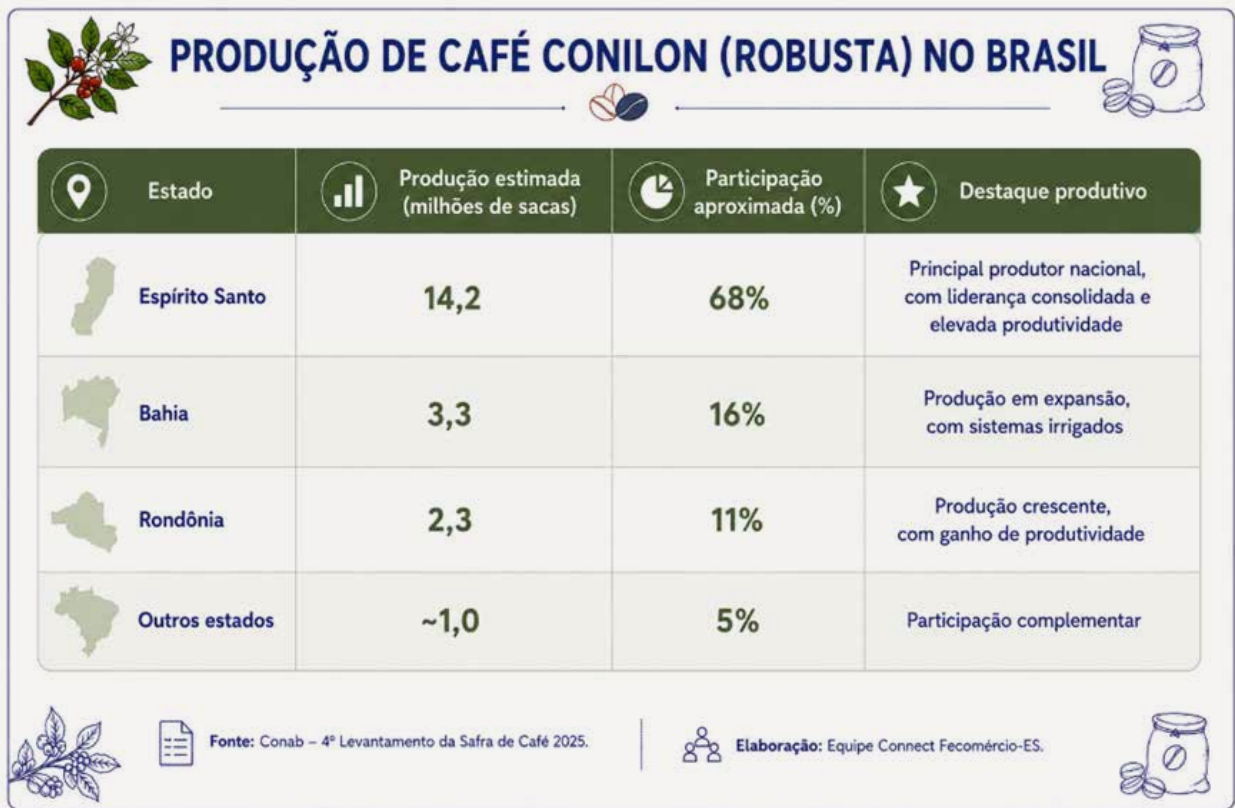
A distribuição da área cultivada revela uma forte concentração territorial, com destaque para Minas Gerais e Espírito Santo, que juntos respondem por parcela majoritária da área nacional. Minas Gerais lidera de forma expressiva, concentrando cerca de 62% da área total cultivada, com forte predominância do café arábica, consolidando-se como o principal polo produtor do país.

Na segunda posição, o Espírito Santo apresenta uma estrutura produtiva distinta e também especializada, baseada na elevada participação do café conilon, cuja área cultivada supera 280 mil hectares, conferindo ao estado protagonismo na produção dessa variedade e papel estratégico na estabilidade da oferta nacional, especialmente em um contexto de maior volatilidade climática e produtiva do arábica.

Além disso, a forte presença do conilon confere ao Espírito Santo papel estratégico na cadeia industrial do café, especialmente nos segmentos de maior escala e processamento.

Na sequência, São Paulo e Bahia aparecem com áreas relevantes, embora com perfis produtivos distintos. Enquanto São Paulo mantém foco no arábica, a Bahia se destaca pela diversificação, combinando sistemas irrigados de arábica com a expansão do conilon. Já estados como Rondônia reforçam a especialização regional na produção de conilon, ainda que em menor escala territorial.

A seguir, quadro explicativo da produção de café conilon nos estados brasileiros, em 2025:



A produção de café conilon no Brasil apresenta elevada concentração regional, com forte protagonismo do Espírito Santo, responsável por aproximadamente dois terços da produção nacional. O estado mantém liderança consolidada tanto em área quanto em volume produzido, exercendo papel fundamental na estabilidade da oferta brasileira da espécie.

Na sequência, destacam-se Bahia e Rondônia, que vêm ampliando sua participação, impulsionadas por ganhos de produtividade e expansão de áreas cultivadas. Ainda assim, a ampla vantagem capixaba reforça sua posição estratégica na cafeicultura nacional, especialmente no segmento de cafés voltados ao consumo de massa e à indústria. A análise da área cultivada reforça o caráter dual da cafeicultura brasileira: de um lado, Minas Gerais concentra a produção de arábica

em larga escala territorial, associada à qualidade e ao valor agregado; de outro, o Espírito Santo lidera o conilon com elevada produtividade, regularidade produtiva e forte integração à cadeia industrial, consolidando-se como um dos principais vetores de estabilidade e competitividade da cafeicultura nacional.

No contexto nacional, a produção de café arábica apresenta forte concentração regional, com predominância de estados do Sudeste. Segundo o 4º Levantamento da Safra de Café 2025 da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Minas Gerais mantém ampla liderança, concentrando cerca de 75,2% da área nacional destinada ao arábica. Na sequência, destaca-se São Paulo, com participação de 10,8%, seguido pelo Espírito Santo, que se posiciona como o terceiro maior produtor nacional da espécie.

Os dados de produção de arábica 2025 estão sintetizados no quadro a seguir:

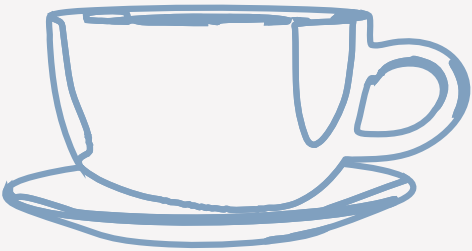


Embora o protagonismo capixaba na cafeicultura esteja fortemente associado ao café conilon, a produção de arábica desempenha papel relevante na diversificação produtiva do estado, especialmente nas regiões de montanha. Com cerca de 138,1 mil hectares cultivados, o Espírito Santo apresenta uma base produtiva significativa, sustentada principalmente pela agricultura familiar e orientada à produção de cafés de maior qualidade e valor agregado.

Essa inserção no ranking nacional reforça a importância estratégica do estado na estabilidade da oferta de café canéfora, e também na produção de arábica, contribuindo para a diversidade e competitividade da cafeicultura brasileira.

Essa configuração evidencia a complementaridade entre as espécies e a especialização regional da atividade, elemento central para a competitividade do Brasil no mercado internacional e para o papel estratégico do Espírito Santo na estrutura produtiva nacional.

Dessa forma, compreender essa estrutura produtiva e comercial é fundamental para avaliar os desafios e oportunidades da inserção do Espírito Santo no mercado nacional e internacional, como segue na próxima sessão.



O CAFÉ NO ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo, como líder da produção de café conilon, desempenha papel estratégico na estrutura da cafeicultura brasileira pelo volume produzido e pela especialização neste segmento. Essa característica confere ao estado relevância diferenciada na composição da oferta cafeeira, ao contribuir para a redução da volatilidade produtiva associada à bienalidade do café arábica.

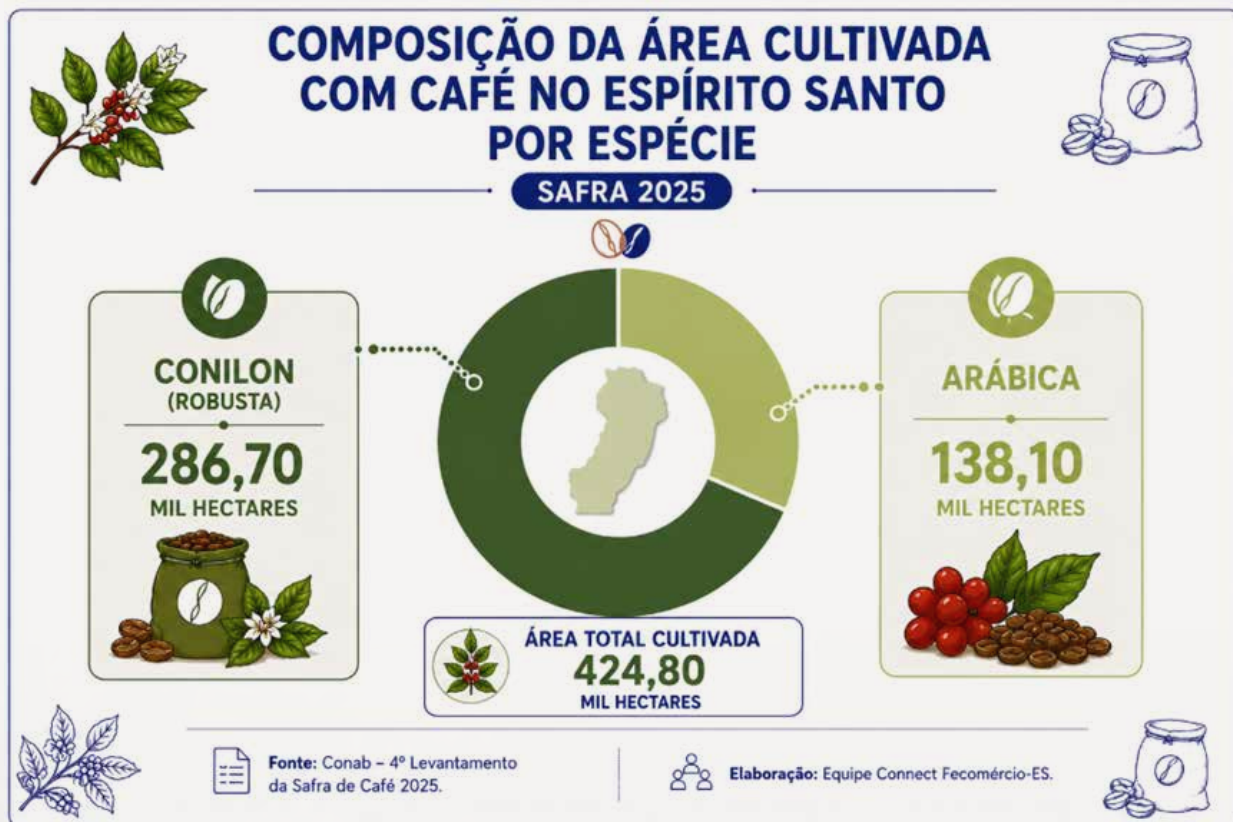
Além disso, a predominância do conilon, associado a sistemas produtivos mais intensi-

vos e adaptados às condições edafoclimáticas locais, fortalece a regularidade da produção, amplia a previsibilidade da oferta e sustenta a geração de renda em cadeias produtivas regionalmente distribuídas. Essa relevância pode ser observada na distribuição da área cultivada de café conilon no país, que totaliza 415,2 mil hectares, dos quais 286,7 mil hectares estão concentrados no Espírito Santo, fazendo com que o estado responda por 69,1% da área nacional, como segue no gráfico abaixo:



Além da adaptação às condições locais e da forte presença de pequenos e médios produtores, a cafeicultura capixaba apresenta uma estrutura produtiva diversificada, marcada pela convivência entre as duas principais

espécies cultivadas no Brasil. Essa configuração pode ser observada na composição da área cultivada no estado, conforme apresentado a seguir:



A área cultivada com café no Espírito Santo totaliza 424,8 mil hectares, dos quais 286,7 mil hectares são destinados ao cultivo de café conilon, o que corresponde a 67,5% da área estadual, enquanto o café arábica ocupa 138,1 mil hectares, equivalente a 32,5%. A predominância do café conilon na estrutura produtiva estadual convive com a relevância do café arábica, especialmente em regiões de maior altitude e voltadas à produção de grãos de maior valor agregado. Essa combinação contribui para a diversificação da produção e para o fortalecimento da cafeicultura capixaba em diferentes segmentos de mercado.

Essa base produtiva se materializa de forma distinta no território capixaba, refletindo as características geográficas e produtivas de cada região:

No norte do estado, municípios como Linhares, Jaguaré e Nova Venécia destacam-se na produção de conilon, combinando escala produtiva e elevados níveis de produtividade.

Já nas regiões montanhosas, municípios como Iúna, Brejetuba e Domingos Martins concentram a produção de café arábica, frequentemente associada a práticas voltadas à qualidade e à diferenciação do produto.

Nessas áreas, caracterizadas por altitudes mais elevadas e temperaturas mais amenas, o café arábica encontra condições ideais de desenvolvimento, favorecendo a produção de grãos de maior qualidade e valor agregado. No Espírito Santo, essa cultura é conduzida majoritariamente por agricultores familiares, em propriedades de menor escala e com forte participação da mão de obra familiar.

A produção de arábica no estado está distribuída em dezenas de municípios, com destaque para as regiões do Caparaó, Centro-Serrana e Noroeste, que concentram grande parte da área cultivada e da produção. Nessas regiões, observa-se também o avanço na adoção de tecnologias e práticas de manejo, contribuindo para ganhos de produtividade e melhoria da qualidade do produto final.



As transformações recentes da cafeicultura também passam pela capacidade de adaptação e inovação dentro das propriedades familiares. A incorporação de novas técnicas, o avanço dos cafés especiais e a busca por maior agregação de valor têm ampliado estratégias produtivas e criado novas oportunidades para produtores rurais.



A trajetória de Jarlete Sotelle ilustra esse movimento. Produtora rural, quarta geração de uma família ligada à

cafeicultura e uma das poucas mulheres à frente de uma propriedade cafeeira na região, Sítio Vista Linda, ela construiu sua história inicialmente com o cultivo de arábica, mas decidiu diversificar a produção ao introduzir café Conilon em uma área onde muitos consideravam o cultivo inviável devido às condições climáticas locais. Aliando assistência técnica, experimentação produtiva e investimentos em pós-colheita, a produtora passou a ampliar sua atuação no mercado de cafés especiais, acumulando premiações e reconhecimento pela qualidade dos grãos produzidos e pelas práticas adotadas na propriedade. Confira:

“Sou a quarta geração da minha família ligada à cafeicultura. Comecei acompanhando meus avós e meus pais, todos produtores de café arábica aqui no Espírito Santo. Depois adquiri minha própria propriedade em Santa Teresa e segui trabalhando com o café, mantendo essa tradição familiar que atravessa gerações.

Durante muitos anos trabalhei apenas com café arábica. Em 2012, decidi fazer algo diferente: substituí uma parte da lavoura por café Conilon. Na época, muita gente dizia que eu estava errada, porque Santa Teresa era considerada fria demais para esse cultivo. Mesmo assim resolvi tentar. Procurei assistência técnica, escolhemos variedades mais adaptadas ao clima e seguimos em frente.

A primeira colheita já trouxe resultados positivos e mostrou que inovação e conhecimento técnico podem abrir novos caminhos para a produção.

No início, nosso foco era apenas produzir um café de qualidade, mas meu filho enxergou uma oportunidade maior. Foi ele quem incentivou a entrada no mercado de cafés especiais. Começamos investindo em equipamentos, melhorando os processos pós-colheita, adotando o despulpamento e fazendo uma separação mais criteriosa dos grãos. A partir daí vieram as primeiras avaliações, as primeiras premiações e o reconhecimento. Passamos a conquistar posições de destaque em concursos, recebemos premiações nacionais e internacionais e consolidamos nossa produção voltada à qualidade.

A sustentabilidade também se tornou parte importante da nossa identidade produtiva. A propriedade possui 10 hectares, dos quais 3,5 hectares são preservados com mata nativa. Temos nascente protegida, caixas secas para controle de erosão, manejo responsável de resíduos, armazenamento adequado de insumos e adoção de práticas que buscam reduzir o uso de defensivos, priorizando alternativas menos agressivas sempre que possível. Também mantemos regularização, certificações e cuidados relacionados à segurança do trabalho e rastreabilidade da produção.



Hoje, meu filho contribui principalmente na parte tecnológica e estratégica, enquanto eu continuo conduzindo o dia a dia da propriedade. Mesmo trabalhando fora, ele participa das etapas mais intensas da colheita e pós-colheita. É uma construção familiar, feita com muito trabalho e aprendizado contínuo.

Ser mulher à frente da propriedade também marcou minha trajetória. Houve momentos em que ser produtora rural não era visto com valorização e reconhecimento. Hoje sinto orgulho da profissão que construí. Produzir café é produzir alimento, renda, desenvolvimento e qualidade. Tenho 67 anos, continuo trabalhando diariamente na propriedade e sigo acreditando que o campo oferece oportunidades para inovar, crescer e transformar vidas.

O café especial permitiu agregar valor ao que produzimos. Hoje conseguimos acessar mercados diferentes, comercializar para outros estados, ampliar margens e diferenciar o produto pela qualidade e pela pontuação. Mais do que produzir café, passamos a construir uma marca associada à excelência, sustentabilidade e dedicação ao longo de gerações.”

Nesse contexto, o Espírito Santo consolida-se como um dos principais polos da cafeicultura nacional, com papel estratégico tanto na estabilidade da oferta quanto na diversificação da produção brasileira. Essa relevância é reforçada pela dinâmica do calendário produtivo do café, especialmente do conilon,

cuja colheita se concentra majoritariamente entre os meses de maio e setembro, período em que há maior disponibilidade de produto no mercado. Essa concentração sazonal, aliada à maior regularidade produtiva da espécie, contribui para a previsibilidade da oferta ao longo do ano e para o abastecimento contínuo das cadeias de comercialização e exportação.

Do ponto de vista de mercado, esse padrão também exerce influência sobre a formação de preços, com tendência de maior pressão sobre as cotações durante o período de colheita, em função do aumento da oferta, e movimentos de valorização na entressafra, quando a disponibilidade se reduz. Nesse cenário, a produção capixaba de conilon assume papel relevante ao mitigar oscilações mais abruptas e contribuir para maior equilíbrio no mercado interno.

Além do peso produtivo, a cafeicultura desempenha papel central na interiorização da renda no estado, estruturando economias municipais, sustentando cadeias locais de comércio e serviços e contribuindo para a manutenção do emprego rural. A demanda por mão de obra acompanha essa dinâmica produtiva, com maior intensidade nos períodos de colheita, quando se concentra a necessidade de trabalhadores temporários nas lavouras.

SAZONALIDADE DA MÃO DE OBRA DA CAFEICULTURA

O comportamento do emprego formal no cultivo de café no Espírito Santo é marcado pela sazonalidade da atividade. Em 2025, após um início de ano com movimentação moderada e saldos próximos da estabilidade, observa-se uma inflexão a partir de abril, com intensificação das admissões e concentração dos maiores saldos positivos no bimestre abril-maio, conforme evidenciado pelos dados do CAGED.

Esse desempenho está diretamente associado ao calendário da colheita das principais variedades cultivadas no estado. No caso do café conilon, a demanda por mão de obra se concentra entre março e junho, período de maior necessidade de trabalhadores para atividades no campo. Já o café arábica apresenta início da colheita em abril, com pico mais tardio, em julho, e extensão até outubro. A sobreposição parcial desses ciclos produtivos amplia a pressão por contratações no segundo trimestre, elevando de forma significativa a geração de postos formais nesse período.

A partir de junho, observa-se reversão desse movimento, com aumento significativo dos desligamentos e registro de saldos negativos, marcando o encerramento da fase mais intensiva da colheita do conilon. Nos meses subsequentes, o mercado de trabalho do setor mantém trajetória de ajuste, com redução gradual das perdas à medida que avança a finalização da colheita do arábica e se encerram os vínculos temporários.

Esse padrão evidencia a elevada dependência de mão de obra temporária na atividade cafeeira, sobretudo nas ocupações diretamente relacionadas ao trabalho no campo. Ao longo do ano, configura-se um ciclo característico, com forte geração de empregos no período de colheita, seguida por desligamentos concentrados no pós-safra.

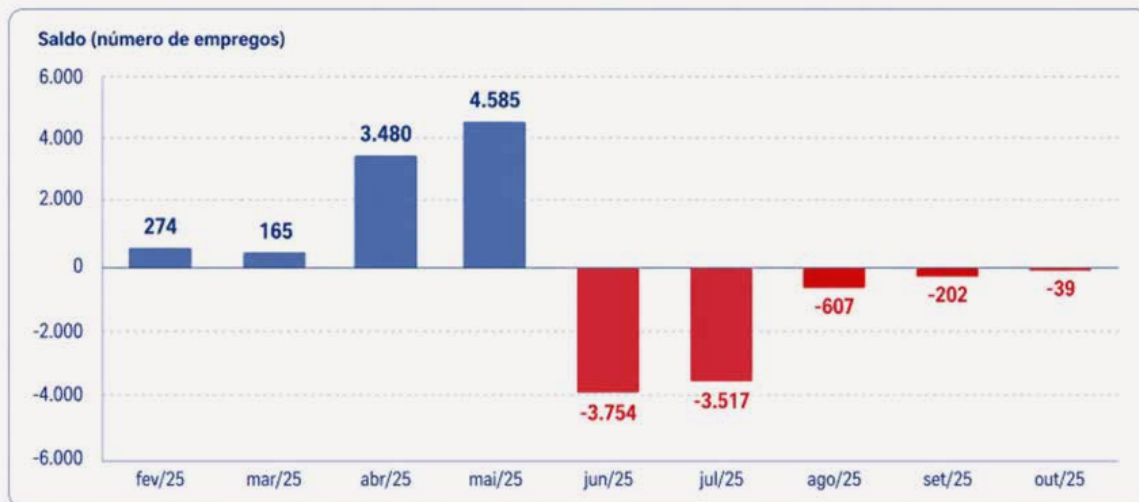
Dessa forma, a cafeicultura garante sua relevância para o mercado de trabalho rural capixaba, ao mesmo tempo em que confere uma dinâmica cíclica ao emprego na Agropecuária. A coexistência das culturas de arábica e conilon contribui para ampliar a inserção do estado em diferentes segmentos do mercado cafeeiro, além de distribuir, ainda que de forma sazonal, os impactos sobre renda e ocupação ao longo de um período mais amplo do ano.

Para ilustrar esse comportamento ao longo do ano, o gráfico a seguir apresenta o saldo mensal entre admissões e desligamentos no cultivo de café no Espírito Santo em 2025. Observa-se, a concentração dos saldos positivos no segundo trimestre, especialmente entre abril e maio, seguida por uma reversão acentuada a partir de junho, com predominância de desligamentos no período pós-colheita. Nos meses subsequentes, nota-se uma redução gradual das perdas, acompanhando o processo de finalização das atividades produtivas e a desmobilização da mão de obra temporária.



SALDO MENSAL ENTRE ADMISSÕES E DESLIGAMENTOS

ES, 2025, cultivo do café



Fonte: CAGED/MTE



Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.



Dados do CAGED mostram que, nos meses de abril e maio de 2025, período de intensificação da colheita, a Agropecuária foi responsável por 11,5 mil novas vagas no estado, com destaque para o cultivo de café, que respondeu por 8.065 (3.480 vagas em abril e 4.585 vagas em maio) empregos diretos no bimestre, o maior resultado já registrado para esse período desde o início da série histórica, iniciada em 2020.

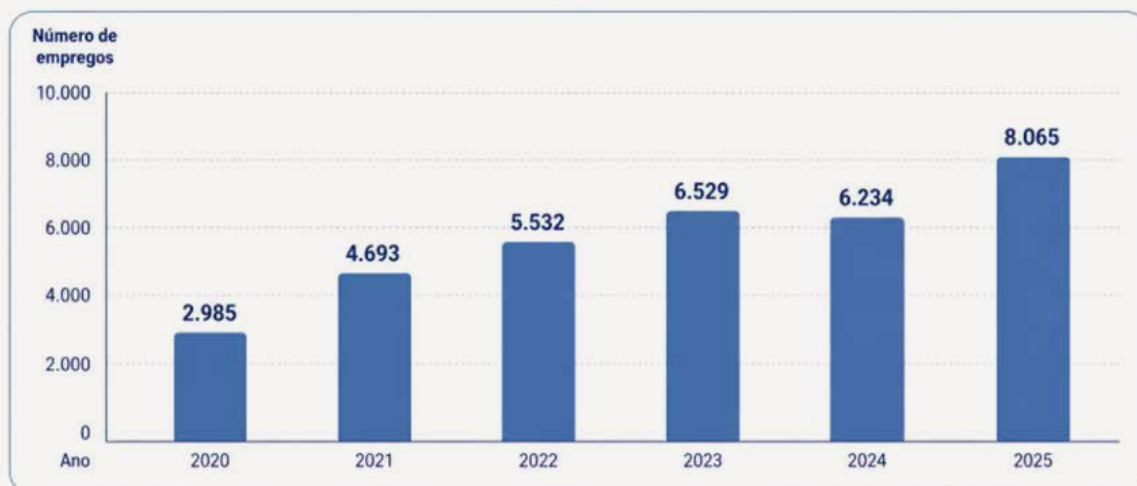
Esse movimento acompanha o calendário produtivo das principais variedades cultivadas no estado, com sobreposição parcial entre a colheita do conilon, mais concentrada no primeiro semestre, e do arábica, que se estende até o segundo semestre. Como resultado, observa-se uma forte concentração das admissões no segundo trimestre, seguida por desligamentos no período pós-safra, o que reforça o papel da atividade cafeeira como vetor de geração de empregos temporários e dinamização econômica, especialmente nos municípios do interior.





EMPREGOS GERADOS PELO CULTIVO DE CAFÉ

Nos meses de **Abril e Maio**, por ano, ES



Fonte: CAGED/MTE



Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.



O resultado de 2025 com 8.065 vagas representa um crescimento de aproximadamente 29% em relação ao mesmo período de 2024, quando foram geradas 6.234 vagas, e configura o maior saldo já registrado para o bimestre desde o início da série histórica do Novo Caged, em 2020.

A trajetória ao longo dos últimos anos revela um avanço consistente na geração de empregos no período de colheita, com intensificação mais expressiva a partir de 2023, esse dado reforça o papel da cafeicultura como importante vetor de dinamização do mercado de trabalho rural no Espírito Santo.

CAFÉ NO COMÉRCIO EXTERIOR

No cenário internacional, o café também desempenha papel estratégico na balança comercial brasileira, posicionando-se de forma recorrente entre os principais produtos exportados do agronegócio, ocupando a 5ª posição no ranking das exportações brasileiras em 2025, considerando a classificação por capítulos (SH2), que agrega os produtos em grandes grupos da pauta exportadora.

A atividade assegura fluxo contínuo de divisas e reforça a inserção do país no comércio internacional, destacando-se pela capacidade de geração de receita mesmo em

contextos de volatilidade no volume exportado, sustentada pela valorização dos preços internacionais e pela elevada competitividade do produto brasileiro.

Em termos de valor, as exportações brasileiras de café totalizaram US\$ 15,6 bilhões em 2025, o que correspondeu a aproximadamente 4,5% da pauta exportadora nacional. No ranking dos principais produtos exportados, o café ocupou a 5ª posição, considerando a classificação por capítulos (SH2), situando-se atrás de commodities como soja, petróleo bruto, minério de ferro e milho.

Esse desempenho reforça a importância do café não apenas em termos de volume, mas sobretudo pela sua capacidade de geração

de receita cambial, sustentada por preços internacionais mais elevados ao longo do período.

ESTRUTURA DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

Os principais destinos das exportações brasileiras, Alemanha, Estados Unidos, Itália, Japão e Bélgica, mostram a concentração em mercados desenvolvidos, como também diferentes funções na cadeia global do café. Enquanto os Estados Unidos se destacam como maior mercado consumidor final, países europeus como Alemanha e Bélgica atuam como hubs logísticos e industriais, concentrando atividades de torrefação, processamento e redistribuição.

Essa configuração reforça que, embora o Brasil lidere a oferta global, etapas mais intensivas em valor agregado permanecem majoritariamente nos países importadores.

As exportações brasileiras são predominantemente ompostas por café em grão cru, que representa cerca de 90% do volume total embarcado. Esse perfil se caracteriza especialmente pela baixa incidência de tarifas

sobre o produto in natura. No entanto, evidencia uma inserção concentrada nas etapas iniciais da cadeia de valor, com menor captura de valor agregado.

Em contraste, produtos industrializados, como o café solúvel, enfrentam barreiras tarifárias mais elevadas, especialmente no mercado europeu, o que limita o avanço brasileiro em segmentos de maior valor.

Em 2025, os principais países importadores do produto brasileiro foram Alemanha (US\$ 2,3 bilhões), Estados Unidos (US\$ 1,9 bilhão) e Itália (US\$ 1,3 bilhão), seguidos por Japão (US\$ 1,0 bilhão) e Bélgica (US\$ 988,7 milhões). Esses mercados concentram parcela significativa das exportações nacionais, refletindo tanto o elevado consumo per capita quanto a relevância do café na indústria local de torrefação e processamento.

PRINCIPAIS DESTINOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS		
 RANKING	 PAÍS	 DESTAQUE
1º	 ALEMANHA	 Principal porta de entrada na Europa
2º	 ESTADOS UNIDOS	 Maior mercado individual
3º	 ITÁLIA	 Indústria de torrefação
4º	 JAPÃO	 Mercado premium
5º	 BÉLGICA	 Hub logístico europeu

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Comex Stat).

Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Destaca-se, nesse contexto, o papel da Alemanha, que além de importante consumidora, atua como um dos principais centros de reexportação de café na Europa, ampliando a presença do produto brasileiro em outros mercados do continente. De forma geral, a predominância de países desenvolvidos entre os principais destinos evidencia o posicionamento do café brasileiro em mercados de maior valor agregado, contribuindo para a sustentação da receita cambial do setor.

No comércio exterior, o café figura entre os principais produtos do agronegócio brasileiro, assegurando fluxo relevante de divisas e contribuindo para a inserção do país no mercado internacional. Mesmo diante de oscilações no volume exportado, o setor mantém elevada capacidade de geração de receita, sustentada pela competitividade do produto brasileiro e pela valorização dos preços internacionais.

No contexto nacional, o Espírito Santo assume papel estratégico especialmente no segmento de café conilon e café solúvel, fundamentais para o abastecimento da indústria global.

A relevância do estado no comércio exterior decorre de:

- **Liderança nacional na produção de conilon;**
- **Forte presença industrial (especialmente no café solúvel) e;**
- **Integração com mercados internacionais.**

Essa especialização posiciona o Espírito Santo como um dos principais vetores de sustentação da oferta brasileira no mercado global, sobretudo em segmentos de maior escala e menor volatilidade produtiva.

Essa especialização posiciona o Espírito Santo como um dos principais vetores de sustentação da oferta brasileira no mercado global, sobretudo em segmentos de maior escala e menor volatilidade produtiva.

O cenário internacional do café é caracterizado por um mercado global integrado, com demanda concentrada em países importadores e oferta dependente de condições produtivas em regiões tropicais. Nesse contexto, o Brasil se consolida como principal fornecedor mundial, enquanto o Espírito Santo desempenha papel estratégico na sustentação da oferta, especialmente no segmento de café conilon e produtos industrializados. A compreensão dessa dinâmica é fundamental para avaliar os desafios e oportunidades da inserção do estado no comércio internacional.

No contexto nacional, o Espírito Santo assume papel estratégico no comércio exterior do café, especialmente nos segmentos de café conilon e café solúvel. A liderança na produção de conilon garante ao estado posição central na sustentação da oferta brasileira, enquanto a presença de um parque industrial relevante, voltado à produção de café solúvel, amplia sua inserção em etapas de maior valor agregado da cadeia.

No entanto, essa inserção ocorre em um ambiente de desafios estruturais. A predominância das exportações de café em grão, aliada às barreiras tarifárias enfrentadas por produtos industrializados, limita a capacidade de captura de valor pelo estado no mercado internacional. Nesse contexto, o avanço da industrialização e o fortalecimento da competitividade do café solúvel surgem como elementos estratégicos para ampliar a geração de renda e diversificar a pauta exportadora capixaba.

De forma geral, o cenário internacional do café caracteriza-se por um mercado global integrado, com demanda concentrada em países importadores e oferta dependente das condições produtivas em regiões tropi-

cais. Nesse contexto, o Brasil consolida-se como principal fornecedor mundial, enquanto o Espírito Santo desempenha papel relevante na sustentação dessa oferta, especialmente no segmento de café conilon e produtos industrializados.

ANÁLISE SETORIAL – VISÃO DO MERCADO



Com o objetivo de qualificar a leitura sobre o desempenho do café brasileiro no comércio exterior, a equipe da Connect Fecomércio-ES ouviu **Jorge Nicchio, diretor comercial da Nicchio Sobrinho Café S/A**. A análise a seguir aborda a estrutura das exportações, os principais mercados de destino e os fatores que influenciam a competitividade do produto brasileiro, com destaque para os efeitos sobre o Espírito Santo. Veja a seguir:

“Atualmente, quando analisamos as exportações brasileiras de café, a Europa se destaca como o principal destino, concentrando cerca de 50% de todo o volume exportado pelo país. Esse protagonismo se deve, em grande parte, ao fato de que o café brasileiro exportado é majoritariamente em grão cru, aproximadamente 90% do total, enquanto o café solúvel representa cerca de 10%, e o café torrado e moído tem participação ainda pouco relevante.

No caso do café em grão cru, não há incidência de tarifas para a entrada no mercado europeu, o que favorece a competitividade do produto brasileiro. Países como Alemanha, Itália e Espanha figuram entre os principais compradores dentro desse bloco, consolidando a Europa como o mercado mais relevante para o Brasil.

Por outro lado, o café solúvel enfrenta uma tarifa de aproximadamente 9% na Europa, o que impacta diretamente sua competitividade. Esse ponto é especialmente sensível

para o Espírito Santo, uma vez que o estado é o maior produtor de café Conilon, principal matéria-prima do café solúvel, e concentra importantes indústrias desse segmento. Assim, essa tributação representa um fator limitante para a expansão das exportações capixabas de maior valor agregado.

Ao ampliar o olhar para outros mercados, observa-se que o cenário é, em geral, mais favorável. O café em grão cru é amplamente isento de tarifas em diversos países, incluindo mercados da América do Sul, América do Norte e Ásia. Nos Estados Unidos, por exemplo, houve recentemente a aplicação de tarifas, mas elas foram posteriormente retiradas para o café em grão cru, permanecendo atualmente uma taxa de cerca de 10% apenas para o café solúvel.

Na América do Sul, as exportações brasileiras seguem em fluxo normal e sem incidência de tarifas, com destaque para países como Argentina e Chile. Mesmo mercados tradicionalmente produtores, como a Colômbia, importam café brasileiro, especialmente para complementar sua produção.

De forma geral, portanto, o café em grão cru brasileiro mantém elevada competitividade internacional devido à isenção tarifária na maioria dos mercados. Em contrapartida, o café solúvel ainda enfrenta barreiras relevantes, o que limita o avanço das exportações de produtos com maior valor agregado, especialmente em regiões como o Espírito Santo.”

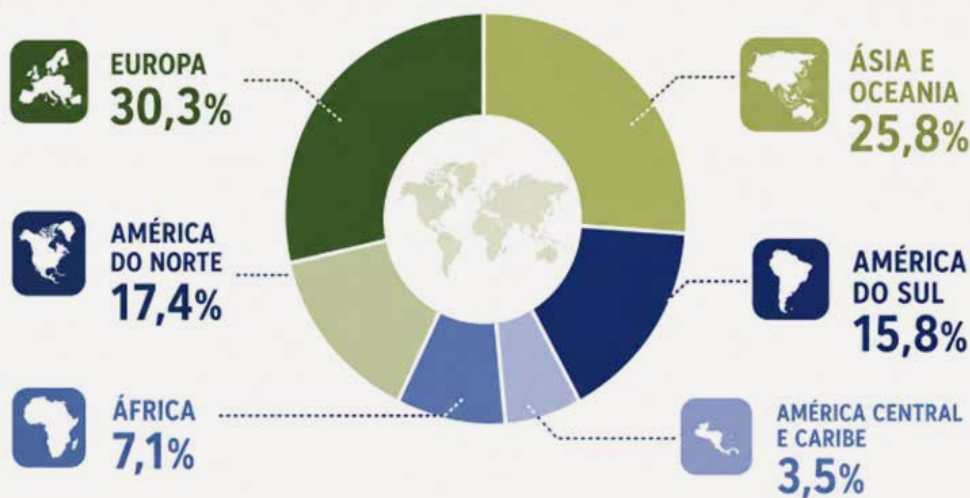
PANORAMA GLOBAL DO CONSUMO DE CAFÉ

O mercado internacional de café apresenta elevado grau de integração entre produção e consumo. Estimativas recentes indicam que o consumo mundial atingiu aproximadamen

te 177 milhões de sacas por ano, o equivalente a cerca de 485 mil sacas consumidas por dia, evidenciando a magnitude e a ampla difusão global da bebida.



DISTRIBUIÇÃO DO CONSUMO MUNDIAL POR REGIÃO



Fonte: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), com base em dados da Organização Internacional do Café (ICO).



Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.



A distribuição do consumo por regiões revela forte concentração em economias desenvolvidas. A Europa lidera, com 30,3% do consumo mundial, seguida por Ásia e Oceania (25,8%) e América do Norte (17,4%). Na sequência, destacam-se a América do Sul (15,8%), a África (7,1%) e a América Central e Caribe (3,5%).

Esse padrão reflete não apenas o elevado consumo per capita em países desenvolvidos, especialmente na Europa, mas também o papel consolidado do café na cultura alimentar dessas regiões. Ao mesmo tempo, observa-se avanço relevante em mercados emergentes, com destaque para a Ásia, onde o crescimento da renda e a urbanização têm

impulsionado a expansão do consumo. Esse movimento sinaliza potencial de ampliação da demanda global no médio e longo prazo, com impactos diretos sobre a dinâmica do comércio internacional e as estratégias dos países produtores.

Em termos de consumo por país, observa-se que os Estados Unidos lideram em volume, com cerca de 26 milhões de sacas anuais, seguidos pelo Brasil (22 milhões) e pela Alemanha (14 milhões). Na sequência, destacam-se Japão e Itália, reforçando a predominância de grandes economias entre os principais mercados consumidores.



PRINCIPAIS PAÍSES CONSUMIDORES DE CAFÉ – MUNDO (VOLUME)



Fonte: Organização Internacional do Café (ICO).



Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.



Sob a ótica do consumo per capita, entretanto, o destaque recai sobre países do norte da Europa. Na Finlândia, o consumo médio anual supera 12 kg por habitante, seguido por Noruega, Islândia, Dinamarca e Suécia,

evidenciando a forte inserção cultural do café nessas economias e padrões de consumo significativamente superiores à média global.



CONSUMO DE CAFÉ PER CAPITA – DESTAQUES MUNDIAIS



Fonte: Organização Internacional do Café (ICO);



Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.



As transformações observadas no consumo mundial de café também podem ser percebidas nas mudanças que ocorrem no relacionamento entre consumidores e produto. O avanço dos cafés especiais, a expansão das cafeterias e a crescente valorização da experiência de consumo têm ampliado a sofisticação do mercado e impulsionado novas demandas por qualificação, conhecimento técnico e diferenciação.



Nesse contexto, a percepção de quem atua diretamente na etapa final da cadeia ajuda a compreender como essas mudanças se materializam no cotidiano do setor. É sob essa perspectiva que se insere a trajetória de **Márcia do Nascimento Ricardo, barista há duas décadas, cuja experiência evidencia como o café deixou de ser apenas uma bebida de consumo cotidiano para se tornar também experiência, cultura e serviço especializado.** Confira:

“Minha trajetória no café começou há cerca de 20 anos, quando fui trabalhar em uma rede de padarias inicialmente como balconista e acabei sendo direcionada para a área do café. Foi ali que tive meu primeiro contato com cafés especiais e comecei a desenvolver interesse em entender mais sobre o produto, desde o fruto até a bebida servida ao consumidor. Naquela época, ainda não tinha formação específica, então muito do aprendizado aconteceu na prática e na curiosidade de conhecer melhor o universo do café.

Com o passar do tempo, fui percebendo que entender profundamente o produto fazia diferença no trabalho. Em 2013, realizei minha formação como barista buscando aprofundar conhecimentos técnicos e compreender melhor aspectos relacionados à extração, vaporização, métodos de preparo e qualidade da bebida. A partir daí, o aprendizado se tornou contínuo, porque trabalhar com café exige teoria, prática e atualização constante.

Quando comecei, o consumo era muito diferente. Minha primeira experiência com café expresso, por exemplo, foi estranha, porque eu vinha de uma cultura muito ligada ao café tradicional. Hoje percebo que isso mudou bastante. O consumidor passou a buscar mais informação, conhecer origens, processos e atributos sensoriais. Termos como acidez, corpo, aroma e notas sensoriais passaram a fazer parte da experiência de consumo e isso transformou a forma como as pessoas se relacionam com o café.

Ao longo desses anos, também aprendi que não existe uma única maneira correta de consumir café. Muitas vezes existe uma visão de que o consumidor precisa seguir determinadas regras, mas acredito que o papel do barista é justamente o contrário: proporcionar experiências positivas e respeitar preferências individuais. Se a pessoa gosta do café com açúcar, sem açúcar, filtrado, expresso ou cappuccino, o importante é criar conexão entre o consumidor e a bebida.

Hoje vejo o café muito mais como experiência do que apenas como produto. O consumidor quer entender processos, observar a torra, conhecer origens, experimentar métodos e viver experiências ligadas ao consumo. Isso impulsionou fortemente o crescimento das cafeterias e dos cafés especiais, ampliando também a demanda por profissionais qualificados.

O mercado cresceu muito nos últimos anos, mas também se tornou mais exigente. Existe demanda por profissionais preparados, com conhecimento técnico e capacidade de traduzir toda a complexidade do café para o consumidor. Ser barista vai muito além de preparar bebidas: envolve estudo constante, experiência prática e capacidade de transformar uma xícara de café em algo que gere conexão e memória.”

A experiência relatada por Márcia evidencia mudanças estruturais observadas no mercado cafeeiro global. O crescimento do consumo deixou de estar associado apenas ao aumento de volume e passou a incorporar dimensões relacionadas à experiência, qualidade, conveniência e diferenciação. Esse movimento amplia oportunidades ao longo de toda a cadeia produtiva, da produção de cafés especiais à torrefação, serviços, turismo e varejo especializado, reforçando o caráter cada vez mais diversificado e sofisticado da economia do café.

As mudanças observadas no consumo global de café vão além do crescimento do volume demandado e refletem transformações mais profundas no comportamento dos consumidores. Nas últimas décadas, o café deixou de ocupar apenas o espaço de commodity associada ao consumo cotidiano para incorporar atributos ligados à experiência, conveniência, origem, sustentabilidade e diferenciação. Esse movimento alterou a forma como consumidores se relacionam com o produto. O aumento da procura por cafés especiais, métodos diferenciados de preparo, rastreabilidade, atributos sensoriais e experiências de consumo ampliou a sofisticação do mercado e fortaleceu segmentos de maior valor agregado. Nesse contexto, cafeterias, torrefações, baristas e experiências ligadas ao café passaram a ocupar papel mais relevante dentro da cadeia produtiva.

Ao mesmo tempo, observa-se maior individualização do consumo. Preferências relacionadas a sabor, intensidade, formas de preparo e experiências passaram a influenciar decisões de compra, tornando o mercado mais segmentado e exigente. Essa dinâmica impulsiona inovação, amplia oportunidades para diferenciação e fortalece estratégias baseadas em qualidade, identidade territorial e conexão com o consumidor.

Para países produtores, como o Brasil, e especialmente para estados fortemente vinculados à atividade cafeeira, como o Espírito Santo, essas transformações representam oportunidades relevantes de agregação de valor.

À medida que o consumo global se torna mais sofisticado, ampliam-se também as possibilidades de inserção em nichos especializados, desenvolvimento de marcas próprias, expansão do turismo associado ao café e fortalecimento de segmentos ligados à economia da experiência.

DO CONSUMO À AGREGAÇÃO DE VALOR: OPORTUNIDADES PARA A CAFEICULTURA CAPIXABA

As transformações observadas no consumo mundial de café têm produzido efeitos que vão além da demanda por maiores volumes, criando oportunidades relacionadas à diferenciação, inovação e agregação de valor ao longo da cadeia produtiva. O avanço dos cafés especiais, a valorização da origem dos produtos, a busca por experiências de consumo e o crescimento de nichos premium vêm ampliando o espaço para estratégias produtivas menos orientadas exclusivamente por escala e mais conectadas à qualidade, identidade e experiência.

Nesse contexto, o Espírito Santo apresenta características particularmente favoráveis para capturar parte dessas transformações. A diversidade produtiva do estado, a presença simultânea de regiões produtoras de arábica e conilon, a forte participação da agricultura familiar e a crescente profissionalização do setor ampliam as possibilidades de inserção em mercados de maior valor agregado, tanto no mercado doméstico quanto internacional.



Esse movimento já pode ser observado em diferentes etapas da cadeia. A expansão das torrefações locais, o fortalecimento de marcas próprias, o crescimento do turismo rural associado ao café, o surgimento de cafeterias especializadas e o avanço das experiências ligadas ao consumo evidenciam que o café vem assumindo funções econômicas que ultrapassam a produção agrícola tradicional. Ao mesmo tempo, oportunidades ligadas à industrialização e ao processamento ampliam o potencial de retenção de renda dentro do estado.

A valorização crescente de atributos como rastreabilidade, sustentabilidade, qualidade sensorial e conexão territorial cria oportunidades para ampliar a captura de valor dentro do próprio estado. Em vez de participar apenas das etapas iniciais da cadeia, produtores, cooperativas e empreendedores passam a incorporar novas funções econômicas relacionadas ao beneficiamento, industrialização, comercialização e prestação de serviços, além de fortalecer estratégias voltadas à exportação de produtos com maior valor agregado.

No caso específico do café conilon, a liderança produtiva do Espírito Santo também abre espaço para ampliar a participação em segmentos industriais estratégicos, como o mercado internacional de café solúvel, cuja demanda continua relevante e apresenta potencial de expansão.

Nesse cenário, a competitividade da cafeicultura passa a depender cada vez mais da capacidade de conectar produção, conhecimento, inovação e experiência. Mais do que ampliar a oferta, o desafio passa a ser ampliar valor, movimento que fortalece a renda local, diversifica atividades econômicas e amplia os impactos da cadeia cafeeira sobre o desenvolvimento regional.

CONSIDERAÇÕES

Em síntese, o mercado global de café caracteriza-se por uma dinâmica altamente integrada entre produção, comércio e consumo. De um lado, a oferta permanece concentrada em países tropicais, com destaque para o Brasil, que lidera com ampla vantagem a produção mundial e exerce papel relevante na formação da oferta global. De outro, a demanda concentra-se majoritariamente em economias desenvolvidas, ao mesmo tempo em que avança de forma consistente em mercados emergentes, especialmente na Ásia. Nesse contexto, o comércio internacional atua como elo fundamental, viabilizando o fluxo entre regiões produtoras e consumidoras e conectando diferentes etapas de uma cadeia produtiva cada vez mais complexa e globalizada.

Para o Brasil, essa configuração representa uma posição estratégica, sustentada pela elevada competitividade, diversidade produtiva e capacidade de atendimento à demanda internacional. O crescimento do consumo em novas regiões, a expansão de nichos especializados e a valorização do produto nos mercados globais reforçam perspectivas positivas para o setor, ainda que condicionadas a fatores como oscilações climáticas, dinâmica de preços, custos logísticos e transformações nas preferências dos consumidores.

Nesse cenário, o Espírito Santo ocupa posição particularmente relevante. A liderança nacional na produção de café conilon, a forte presença da agricultura familiar, a elevada capilaridade territorial da atividade e a inserção em diferentes etapas da cadeia produtiva conferem ao estado papel estratégico não apenas na oferta nacional, mas também na geração de renda, empregos e oportunidades econômicas distribuídas pelo território.

Ao longo deste relatório, observa-se que compreender a cafeicultura exige olhar para além da produção agrícola. O café mobiliza uma extensa rede de atividades econômicas que envolve beneficiamento, logística, industrialização, comércio, exportação, serviços, turismo e experiências ligadas ao consumo. Essa capacidade de articular diferentes segmentos amplia seus efeitos multiplicadores e fortalece seu papel como vetor de desenvolvimento regional.

Ao mesmo tempo, as transformações recentes no comportamento do consumidor, marcadas pela valorização da origem, qualidade, rastreabilidade, experiência e diferenciação, indicam que o futuro da cafeicultura dependerá cada vez mais da capacidade de agregar valor ao produto e construir conexões mais sofisticadas entre produção e consumo. Nesse contexto, iniciativas ligadas aos cafés especiais, turismo rural, marcas próprias, torrefação, experiências imersivas e profissionalização da cadeia deixam de representar apenas oportunidades complementares e passam a constituir elementos centrais para a competitividade do setor.

Mais do que uma commodity agrícola, o café consolida-se como uma atividade econômica estratégica, capaz de conectar territórios, gerar renda, mobilizar serviços, impulsionar inovação e criar novas oportunidades de desenvolvimento. Para o Espírito Santo, compreender e fortalecer essa dinâmica significa ampliar não apenas a produção, mas também a capacidade de capturar valor ao longo de toda a cadeia produtiva.



Notas

1 A produção de café no Brasil é acompanhada por diferentes instituições, com destaque para a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), vinculada ao Ministério da Agricultura, que realiza levantamentos periódicos de safra ao longo do ano. Esses levantamentos consideram variáveis como área plantada, produtividade, condições climáticas e estágio das lavouras, sendo fundamentais para estimar a oferta nacional do grão. No caso do Espírito Santo, a cafeicultura possui relevância econômica e social, com predominância das variedades conilon (robusta) e arábica, cultivadas em diferentes regiões do estado. A produtividade pode variar significativamente conforme fatores edafoclimáticos locais, como tipo de solo, regime de chuvas e temperatura.

- A estimativa de safra refere-se à projeção da produção total de café (em sacas), considerando o desempenho esperado das lavouras ao longo do ciclo produtivo. Essas estimativas podem ser revisadas ao longo do ano conforme novas informações são incorporadas.
- O ano-safra do café não coincide necessariamente com o ano civil, uma vez que o ciclo produtivo envolve etapas como floração, frutificação e colheita, que variam conforme a região produtora.
- A bienalidade é uma característica natural da cultura do café, especialmente do arábica, marcada pela alternância entre anos de maior e menor produtividade, influenciando o volume total colhido.

2 Leia mais em:

<https://www.es.gov.br/Noticia/safra-de-cafe-no-espírito-santo-deve-crescer-23-em-2025>

3 Fontes:

<https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras/safra-de-cafe>

<https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras/safra-de-cafe/4o-levantamento-de-cafe-safra-2025/boletim-cafe-dezembro-2025>

Comex Stat – Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC): sistema oficial de estatísticas do comércio exterior brasileiro, utilizado para obtenção de dados de exportação por produto, valor e destino.

Organização Internacional do Café (ICO): base de dados e relatórios internacionais sobre produção, consumo e comércio global de café.

https://incaper.es.gov.br/cafeicultura?utm_source=chatgpt.com

EXPEDIENTE: Presidente do Sistema Fecomércio-ES/Sesc/Senac: Idalberto Luiz Moro | Diretor Interino Sesc-ES: Richardson Schmittel | Diretor Senac-ES: Richardson Schmittel | Superintendente Fecomércio-ES: Wagner Corrêa | Diretor de Relações Institucionais Fecomércio-ES: Marcus Magalhaes | Equipe Connect Fecomércio-ES: André Spalenza : Karina Tonini : Felipe Montini : Eduarda Gripp : Gercione Dionizio : Paulo Rody : Mateus Haddad : Samuel de O. Cabral | Tel.: 3205-0706 | www.fecomercio-es.com.br